

LEONOR POSADA

PLUMAS

E

ESPINHOS

1926
CASA VALLELLE
Rua do Carmo 55
RIO

A meu querido irmão

Dr. A. Martins Cardoso,

estes versos, na significação sincera de uma gratidão sem limites e um affecto immorredoiro.

**E eu tenha sempre ao murmurar teu nome
o coração, máo grado o sofrimento,
como um rosal desabrochado em rimas...**

OLAVO BILAC.

PLUMAS

Essa afeição

..... é a tua

que na minh'alma, como num deserto,
cada vez mais augmenta e se accentúa..

LUIS MURAT

**A LUIS MURAT, o incomparavel Artista
e queridissimo Mestre e Amigo,**

— minha homenagem profunda e minha grande estima.



PLUMAS E ESPINHOS

Pela minha existencia vou colhendo
aqui e alli, indifferentemente,
males e bens; si alguns vou merecendo,
d'outros — dóe-me dizer — sou innocente.

Palavras de carinho — bem presente —
fazem-me a dor em pouco ir esquecendo;
ingratidões, invejas — indulgente
soffro-as e esqueço-as no meu dividendo...

Das esperanças, illusões, algumas
deixam-me n'alma a sensação das plúmas,
como si houvesse em mim flores e ninhos.

E vou seguindo a róta da existencia:
tendo á frente do Sonho a transcendencia
e os pés sangrando em rispido espinhos...

DEDICATORIA

A ti, minh'alma — una alma toda feita
de sonhos, de ideaes;
alma que se esmerou por ser perfeita
afim de vaier mais...

A ti, meu sonho — sonho armado em gase
branca e azul,

que, subindo, crescendo,
foi tecendo

em cada verso meigo, em cada phrase
um castello taful...

A ti, minha esperança, meu desejo
cada vez mais profundo,

de attrahir de teus olhos, como um beijo,
esse clarão fecundo,

que é sol, que é dia e que, como uma esmola,
é promessa de amor que anima e que consola...

A ti, meus pensamentos puros, são;
pensamentos que sóbem como o fumo,
e que, todo este amor que sinto,
e que crescer presinto,
num só pensar resumo.

A ti, o meu soffrer, a minha dor pungente;
minha funda saudade
de um tempo que sonhei,
(sornnambula ou vidente)
mas que jamais gosei.

Essa felicidade
que só no sonho móra;
indomavel anseio
que abrigo no meu seio
que só por ti palpita e por ti chora...

A ti, meus versos... meus longos clamores,
vertigens... solidão...
todas as ansias, todos os amores,
todo o meu coração!...

A ti fica o meu pranto... a lagrima sentida
do que deixei de ser:
-- nuvem, estrella ou ave, ou folha que, partida
vae na estrada morrer....

A ti, toda a alegria que eu sonhára
(e tão rapidamente se esfumára!)
de ser feliz... querida,
numa invejada sorte!
--Estes restos sem luz da minha vida!
— Essa luz que me vem da minha morte...

PLUMAS . .

Da vida tenho a carícia
da água franjeada em espumas:
canta-me alma, propícia,
a comunhão de mil plumas...
Sou como uma ave canóra
que, estendendo ao sol as penas,
o azul do espaço namora
e ás regiões sóbe serenas...

Ninguem me perturba o enleio,
ninguem do extase me acorda...
sou luz e sou garganteio,
do encanto a bemdita corda...
Do sonho as nevoas macias,
tomo-as, sentindo vencel-as,
e encho as minhas mãos vasiaas
com a luz das brancas estrellas...

UZ

Em plena luz me banho e me extasío!
Tenho fulgurações estranhas
n'alma; brilhos tenho.
Como um riô,
levo palhetas de oiro no meu sonho
e mal contenho
o ardor que torna o meu viver risonho.

Ardo e scintillo, qual si fôra
estrella singular;
por onde passo, seja noite... aurora...
fica a esteira brilhante,
fascinante,
do meu passar...

Canto... e um perfume no meu canto mora.
Vibro... palpito...
Sussurros oiço... desconheço o grito
da angustia e o desespero que devora!
Musica estranha, melodia infinda,
segue meus passos pela vida afóra;
-- vida que sinto cada vez mais linda,
— dia que é sempre aurora,
repleto do fulgor, da claridade
da minha sonhadora mocidade!....

VERSOS

Versos... pedaços d'alma... aureos fragmentos
de sonhos que se foram como encanto
a sorrir... a chorar...

Minha saudade esta ansia não me acalma;
acolhe no teu seio este meu pranto
que vae em busca dos teus pensamentos
a lembrar... a lembrar
dias passados, dulcidos fragmentos
de versos... pedaços d'alma!...

Versos... asas de sonhos... confissão
de affectos loucos nunca satisfeitos...
Cinzas azues... vertigios do vulcão
que vive occulto dentro em nossos peitos.
Versos... poeira d'oiro dos desejos...

Meu coração
ao teu se volve em timidos harpejos,
palpitante, risonho,
abrindo-se na terna confissão
dos versos que componho:
— Versos... sonhos de amor; versos, asas de sonho.

Versos... metade d'alma de quem ama...
fragmentos
de suspiros e queixas abafadas...
São as rimas — lembranças despertadas,
e o rythmo — lamentos
que o coração de pouco em pouco exclama!
Tu, que dos risos tens a doce palma
e um sonho azul em todos os momentos,
acolhe docemente,
meigamente,
meus versos — de meus sonhos... uns fragmentos!
meus versos — pedaços d'alma!

MANCENILHA

Sem te ver, sem te ouvir, presinto-te a chegada...
Minha vista apurada
e meu ouvido arguto
nenhum dos dois perscruto;
é esse aroma que tens, a envolver-te num halo,
que me fala de ti, num sonho em que me embalo.

Esse exquisito aroma
surprende-me o olfacto;
e tal, como si o tacto
eu pudesse sentir do cheiro
que te exalta,
primeiro
era uma coma redolente
que viria esvoaçando, ao leve, docemente,
suprindo a tua falta...

Depois... era agudeza de dois olhos,
olhos que são caçoilas encantadas,
distillando um perfume
que resume
tantas essencias no ar alvorotadas!...

Teus cabelos... teus olhos
são na minha existencia, como escolhos...
Nelles me perco e, a bracejar, naufrago,
só por causa do vago,
do indizível odor
que vem de ti, como vem de uma flor.

Quanto sonho acastello, quando, em ondas
meus sentimentos rondas
com o aroma traidor que se evola
de ti.

E' uma immensa corolla
a terra toda; e, como si em redor
de mim
se abrisse em florescencias perfumadas,
um suspenso jardim,
cheio de trepadeiras irisadas,
sinto que pelo ar, em ether, em vapor,
ha lyrios, ha jasmins, ha nardos e violetas...
e o meu oifacto — em loucas borboletas
vae sorvendo-os, sugando,
té que acaba afinal se embriagando.

O teu perfume, Amor, accende nas estrellas
novas fontes de luz;
póde as flores em astros convertel-as
abrindo-lhes os seios nús.
E da Lua — a magnolia desmaiada —
de estrellas mil — alvos lyrios esguios —
descem á mim, fe'iz, transfigurada,
perfumes, luzes, pelos raios frios...

-- Meu sonho é a mariposa em volta desse lume...
E' como a borboleta
inquieta,
iriada, doidejando,
em busca de um perfume...
Traidora mancenilha!
Descerra a tua fronde de escumilha,
e deixa-me sonhar.
Qu'importa
que o sol que vem possa encontrar-me morta?
Chrysalida — attrahiu-me o teu brilhar de nune!
Borboleta — dormi no teu perfume
e não quiz despertar....

Gosto, á noite de olhar sempre as estrellas,
e julgar as mais bellas.
Não sei porque; mas amo o céo escuro
para melhor revel-as,
pois sempre encontro neilas
o teu olhar acastanhado e puro.

E nessa adoração resplandecente
irmanei teu olhar
com a luz dos astros que me espiam calmos;
e para perpetuar
tamanha reverencia
passo toda a existencia
a desfiar
ás estrellas e a ti meus castos psalmos...

AO SOMNO

O' somno, vem me ungir a palpõbra dormente!
Dá-me tua caricia
pois quero repousar;
envolve o corpo meu no teu manto esplendente
e deixa-me sonhar...

Deixa a minh'alma voar feliz, embevecida,
onde a ventura habita,
onde o desejo é rei..
Sonhando esquecerei as agruras da vida
e, feliz, gosarei...

Assim: turva-me o olhar nessa meiguice infinda,
nessa blandicie langue
de intima sensação;
Perfuma-me a tua asa, a proteger-me, linda,
na paz do coração.

A morna maciez que deixa o teu contacto
dá-me suave abandono...

Somno!

os teus pampanos abre e eu sinta o meigo tacto
de mão amiga e amada
que, docemente venha, em gesto carinhoso,
as faces me roçar...

Somno! o brando torpor que ao corpo dás, baixando,
traz-me a ilusão feliz de beijos que, cantando,
vêm meus lábios buscar...

ESPHYNGE

Mergulho o meu olhar em teu olhar. Indago
o que tua alma diz nessas vagas tranquillias:
e busco comprehender, procurando sentil-as,
todo o mal que receio e todo o bem que affago...

Quantas vezes, a rir, nos raios que acutilas,
de duvida me encheste o coração presago!
Mas tambem, quanta vez, no mar em que naufrago,
me veio a salvação dessas doces pupillas.

Cruel enigma és tu! Esphyngue indecifravell
Ora frio no olhar, ora brando, amovel,
quando é que chegarei teus éstos desvendar?

-- Muito breve, talvez, ou talvez negativa;
ah! quem póde saber dessa força, que é a viva
inconstancia do céo e inconstancia do mar?...

PARA O TEU AMOR

Irei ao teu amor levando n'alma
a ansia grandiosa do universo inteiro
que é todo um palpar que não se acalma...

O Sonho, um grande Sonho alviçareiro,
á minha frente irá, pelos caminhos,
abrindo as rendas brancas do nevoeiro...

E em meu cortejo, alegres passarinhos
trinarão da sonata as melodias
na orquestração suavissima dos ninhos.

Chimeras mil, de vestes alvadias,
irão tecendo á luz de sol bem loiro
o motivo das minhas alegrias...

Nas palpebras descidas, o thesoiro
de tantos sóes, hei de guardar, brihando,
qual si tivesse os propios olhos de oiro...

E te verei, ao longe me acenando,
á porta desse templo magestoso
que em mysterios e amor nos vem chamando;

e tendo asas nos pés e o peito ansioso
perderei a noção dos propios passos
chegando a ti, já tão de mim saudoso!

Como um raio de luz vence os espaços,
afflicta, irei buscar minha alegria
na protecção segura dos teus braços...

BALLADA DO SOM

No album de Laurita Fernandes.

Féres de leve a cithara dolente.
Voam os sons — são passaros cantando...
E todo o espaço, em ondas, de repente,
de chilreios se vae enovelando.
Meu sonho tambem sóbe inflado, pando,
das carícias da cithara ferida,
e me fico a embalar meu sonho brando
num berço de oíro a adormentar-me a vida.

Agora, ós dedos ageís, em torrente,
notas sem par arrancam, mal tocando
as tersas cordas e vão, num crescente,
idéas d'agua a marulhar nos dando
Uma canoa ao longe vem singrando...
O bateleiro canta uma dorida
canção de amor, o coração rolando
num berço de oiro a adormentar-lhe a vida.

E continúa... A musica fremente
se apressa e dentro em pouco vae parando.
Um perfume subtil por todo o ambiente
paira — E' o amor que vem chegando!
Que cadencia gentil, que accento brando
tens ao tocar, artista estremecida!
Vou por ti, meu amor despetalando
num berço de oiro a adormentar-me a vida..

Fére de novo a cithara, pois, quando
iniqua sorte me chegar, vencida,
quero-te ouvir, meus sonhos acordando
do berço de oiro a adormentar-me a vida!

EM FEBRE...

O meu delirio começa:
no colio a tua cabeça,
meu olhar em teu olhar...

Meus dedos, de vez em quando,
em teus cabelos passando,
buscam nelles se aninhar...

E inda mais a febre augmenta,
e a tí, que um somno acalenta,
chega-te doce sonhar.
Ergo-te ás mãos a cabeça,
o meu delirio começa
e me ponho a te beijar...

Beijo-te os olhos e, louca,
beijo tambem tua boca,
sem socego, sem parar;
mais tua boca me tenta,
inda mais a febre augmenta;
— meu delirio vae passar...

Acordo. As mãos tenho-as frias,
dos teus cabelos vasias,
sommambulicas pelo ar...
Beije-te sonhando, louca!
— Ha saudade em minha boca...
Ha sombras em meu olhar...

RUBRA

Na forja rubra e candente
canta o malho
um hymno de luz, ardente,
ao trabalho.

Por entre nuvens vermelhas
nasce o sol...
Buscam, loucas, as abelhas
o arrebol.

No campo, o arado se enterra,
— regicida! —
rasgando o seio da terra
em ferida!

Bemdicto o canto da luz
e do maího!
— é pão, amor... e traduz
agasalho! —

Seja bemdicto de abelhas
o aranzél;
entre enxames, em quartelhas,
brilha o mel...

Bemdicta a mão que magôa
fundo a terra...
Duro é o goípe? — A mésse é boa...
Mal desterra!...

Bemdictos: magua e saudale,
crúa dor!
— Tudo que vem da ansiedade
e do Amor!...

CÉO ..

A Didi.

Quando a agonia o peito me iacera
é para ti que volto meus olhares,
como nos mares
a luz é salvação.
olho-te, céu; e o meu olhar espera
que volte a primavera
ou venha a punição.

Olho-te, céu... e o meu olhar é prece,
é supplica, é desejo;
é o beijo
de uma alma ansiosa pelo Bem que attende,
alma que ascende
à luz, que desconhece,
mas que sabe que o azul que inquire e que não morre
é de piedade a bençãam que soccorre...

Para mim essas nuvens brancas são
os berços de algodão
que a dor vão embaiar....
O pensamento sóbe louco, aflicto,
e, galgando as brancuras do infinito
deixa-se adormentar...

Teu nascente é a esperança que desperta;
é aberta
a porta de um sonhar ditoso;
enquanto que, do occaso a suavidade
fala de um tempo que passou, ditoso,
chora... é saudade!...

Mas si és noite, si em ti esses mil lumes
dos vagalumes
no engaste accendem lampadas doiradas,
que vozes encantadas
vêm descendo até mim na terra escura!
-- São anjos que do céu me espíam, doces,
como fosses
o palacio brilhante da ternura.

. . .

Busco-te, céu, si soffro; e si a alegria
o olhar me aclara num luzir que é grato,
eu subo a ti nos olhos que te mando.
Seja noite
ou dia,
quer me açoite
da dor o vento ingrato
ou a harmonia me cante ao coração,
busco-te sempre! E sempre te buscando
julgo poder te abrir a alma dorida
e commovida
nessa branda ascensão.

TEIA

No aranhol encantado deste affecto
que me encadeia, é em vão que me debato.
Si as forças reduplico — pobre insecto!
nas outras tramas mais me enleio e me ato.

?
meo!

E as energias todas maibarato
ao peso das loucuras que acarreto:
de nada vale o orgulho que recato,
nem tampouco os engenhos que architecto.

De nada vale esta altivez crescente,
este assomo de raiva, si, impotente,
eu me desarmo ao teu olhar fatal;

deixo-me presa, exanime, exaurida,
dando-te o sonho azul da minha vida,
não sei si por meu bem, si por meu mal....

PARA A CONQUISTA

A Fcschoal Carlos Magno.

Simple e bom, agora é que começa
da existencia a provar amargos travos...
Mal tentaste a escalada — já tropeças —
alçaste o vôo e ás mãos prendem-te cravos..

Affeito á suavidade dos arminhos,
viver pensaste adormentado ás dores...
Saibas: da flor podem brotar espinhos;
espinhos nunca exsurgirão em flores...

Amas da vida a remansosa alfombra,
onde ciciem timidias cigarras...
Teu erro é esse: é perigosa a sombra
e é sob os vêllos que se occultam garras...

Grita bem alto o teu deslumbramento;
estende ao sol teu sonho e teu desejo;
si um dia te chegar o soffrimento
que elle te seja uma saudade e um beijo...

Segue impassivel teu caminho... Sóbe
aonde de gloria a fronte se ennevoa;
— que um gesto teu a Natureza englobe —
e, olhando os homens com desdem — perdoa...

Faz de tuas mãos o ninho perfumado
para a minha cabeça;
que eu me embale febril e que adormeça
á carícia de seda dos teus dedos.

E como em todo o ninho ao vento dado,
ha vozes de arvoredos
que murmuram surdinas
e sussurram segredos,
— fala-me, acariciando a cabeça febrênta;
e lentamente,
e lentamente
deixa que eu veja, enquanto manso inclinas
tua cabeça ardente,
a luz desses dois sóes — teus olhos, meu Amor —
mais doces do que o mel... mais fundos do que a dor...

É como si da aurora a claridade
de subito, no ninho,
inundasse de luz o passarinho,
— no berço afroixelado de teus dedos,
vencida de ansiedade,
inquieta e iouca,
a avezinha do beijo
acorda palpitante,
no ninho do desejo
da minha boca...

Quiz descrever a magua,
a dor que me lacerou o coração,
essa pungente desesperação
que me faz suspirar e me enche os olhos d'agua...

-- Tomo a penna e, contendo a custo o pranto,
vejo — céos! — minha dor desabrochar-se em canto...

Quiz descrever o sonho,
o grande enlevo do meu grande Amor,
esse anseio risonho
que um carinho me offertá em cada flor...

Tomo a penna, febril, no orgulho de cantar...
...e ponho-me a chorar...

CANTO...

Ao Pepé.

Canto... o céu curvo acoihe minhas vozes
e dos montes desmancham-se albornozes;

palpita o ninho na ansia da ave implume,
côra a flor, subtiliza-se o perfume;

brinca o raio do sol pelas estradas
e o sino plange a voz das madrugadas...

Canto... o mar prende as ondas em conchego
e o espaço é a cathedra do meu socego;

treme no hastil o fructo e o breve insecto
na folhagem se esconde circumspecto ..

E o meu canto de luz e de harmonia
échos desperta e as feras entibia;

aos montes sóbe, o céu alcança, estrellas
toca, no orgulho certo de querel-as;

e abre do Sonho o templo imaginario
com a uncção com que abre a porta de um sacrario...

E sobre a natureza palpitante
que me ouve, que me sente, deirante,

perdularia do Azul, o meu thesoiro
espalho a rir, como um chuveiro de oiro...

FANTASIA DE UMA NOITE BRANCA

A Dadá.

Emquanto a terra dorme, a Noite
por se entreter, põe-se a fiar
flócos de nevoa, sob o açoite
do vento frio e do luar.
Rendas mais caras e aivadias
a pobre tece sem parar,
bordando as loucas fantasias
que sempre tem oihando o mar...
Trabalha sempre... fia... fia
rendas de nevoa e de luar.

Sanefas põe na arvore esguia,
de seda cobre a humida flor;
não se detem: só teme o dia
— o seu rival e seu senhor...
De prata loira e alvinitente
um manto faz — lindo penhor!
ao mar que canta, docemente,
rolando em ondas, seu amor.
Trabalha sempre... fia... fia
mantos de nevoa e de dulçor.

Põe cuidadosa no trabalho
todo o seu sonho de mulher:
nas folhas prende argenteo orvalho,
despetalando um mal-me-quer.
Perolas raras, nos caminhos,
espalha e dá — louca e esmolér —
de luz enchendo os passarinhos!
— a tessitura é seu mistér...
Trabalha sempre... fia... fia
despetalando um mal-me-quer.

Da lua entrança os frios raios
e faz do espaço o seu tear;
queima no alvor dos lyrios maios
o opio do somno e do luar.
E, emquanto tece, ardente e ansiosa,
doce perfume erra peio ar,
mais capitoso do que a rosa,
e mais seivagem do que o mar..
Trabalha sempre... fia... fia
o opio do somno e do luar.

E todo o ardil da fantasia,
todo o mysterio de um amor;
a Noite branca tece e fia
num grande sonho protector...
Salpica o céu cheio de estrellas
qual com mais brilho e mais fulgor
ai, como é bom sonhar e vel-as,
vendo e sonhando o nosso amor
que a Noite branca fia... fia...
num grande sonho protector!

QUANDO EU PODEREI PARAR?

A D. Zélia Peixoto de Castro.

Do rio as aguas ligeiras
vão correndo, sem cessar,
cantantes, alviçareiras,
deixando crespas esteiras...
E, em demanda para o mar,
pergunta uma á outra ansiosa:
—«Quando havemos de parar?...»

E, ouvindo-as, tremente, o Mar
que as ondas todo encurvava,
adoçando o seu guaiar,
como quem vae soluçar:
—«E'-me a sorte dura ciava...
procellarias... tempestade...
Quando poderei parar?...»

E a Lua que as rendas tece
dos fios brancos do luar,
nova Dido, que padece
de amor, chcia de interesse,
pelo vellissimo tear,
a esta scisma se abandona:
—«Quando eu poderei parar?...»

Do Sonho, Judeu errante,
vive o Poeta a caminhar,
tendo um dese,o gigante
dentro d'alma, crepitante,
sem podel-o contentar,
diz olhando a Vida crúa:
—«Quando eu poderei parar?...»

E a Morte, fria, a ceifar
as vidas, e tudo eguala,
pergunta, enviezando o olhar,
da eça funebre a queimar,
á do pobre triste valla,
onde não ha flor nem pranto:
—«Quando eu poderei parar?...»

Não importa que estejas apartado
de mim;
não importa
que eu te sinta distante, longe assim;
nos meus momentos
de ternura
minh'alma te procura;
célere o espaço corta
com as grandes asas dos meus pensamentos,
luminosa, brilhante,
tão cheia de ansiedade,
que se diria o friso coruscante
do raio, pela altura,
num prenuncio de luz ou tempestade...

Meu anseio
faz-me crescer no seio
o desejo incontido de tocar-te,
e então
— fumaça ou cerração —
aroma ou devaneio,
eu toda me distendo,
e os espaços enchendo
chego a ti, porque chego a toda a parte...

Volatilizada assim,
por onde adejo,
sobre o mar ou jardim,
montanhas e areias —
levo a sêde febrênta do meu beijo
que só num outro beijo se compraz...

E sou sussurro d'agua e sou perfume;
ardência do deserto e sombra amiga;
— brisa que leva os sons de uma cantiga,
nuvem que anseios e sonhar resume...

E chego a ti... e envolvo-te em ternura;
de onde estou a onde estás marco a minha ventura
por uma faixa luminosa e estranha
— que meus desejos, protectora, banha...
E assim, quando sentires
envolver-te fragrancia commovida,
ou doce onda nivosa,
— olha o céo: estou nelle convertida
na curva deliciosa,
septencolorida
do arco-iris,
ligando
o teu viver ao meu viver,
e sublimando
toda a razão de ser
da minha vida...

Não sei si te agradeça o bem passado
ou seja do presente esta amargura:
— tem pouca duração toda a ventura
e tem a magua em nós longo reinado.

Si a sós, ás vezes, sonho-te a figura,
nunca me vens de risos aureolado,
mas sim por minhas penas evocado,
numa saudade que te transfigura.

Quero-te mais depois que te partiste...
Vives em mim, dentro o meu Sonho triste,
como vive no espaço a luz da estrella

cuja fonte de vida se estancára,
mas que inda envia á terra, ardente e clara,
uma réstea de luz para aquecel-a...

CALMÁRIA

Do crúo desespero o vento que torcera
os ramos e elevára aos céos imprecações;
da raiva que explodiu e em sangue se embebera,
- sangue que viu correr, vermelho, aos borbotões;

do desejo servil, cujo pranto de cêra
queima com mais ardor, prendendo aos seus grilhões;
do Sonho, que uma vez possível parecera
abrindo tantos sóes em nossos corações;

— nada mais resta á vida! Inhospita paizagem!
Nem sequer do deserto a turbida miragem
engana o Viajor, d'agua em sonóras ansias...

Calma e parada assim, toda a vida severa
lembra extincto vulcão, cuja ardente cratera
em vez de lavas tem a neve das distancias...

AOS QUE SOFFREM

A Orminda.

Tendes dentro de mim um coração que é vosso,
palpitante, a sangrar, aberto ao soffrimento...
Soffreis?... vinde vasar todo o padecimento
neste sombrio mar que em prantos alvoroço...

Fraquezas, não n'as temo; orgulha-me o tormento
que em cada ingratição nova caudal engrósso!
Não tremais... neste cofre ardente e que é bem nosso,
encontrareis da Fé o doce encantamento.

Venham rios de dor de todos os viventes!
Como um mar, que eu receba em multiplos affluentes
a angustia que lacera o coração humano.

Não hei de soffrer mais... á minha grande Magua
toda a dor que lhe chega é como a gotta d'agua
que se mistura e roía entre as vagas do oceano...

FANTASIA DE LUAR

Ao Alberto.

Jardineiro cuidadoso e desvelado,
o luar,
mal cáe a Noite, pelo céu lavrado,
se põe a trabalhar.

Montões de nevoa empilha nos canteiros,
onde, a flux,
rebenarão dos brancos jasmineiros
os cálices de luz.

Da Via - Lactea, as nebulosas célicas
de milhares de estrellas,
em açucenas lívidas e angelicas
procura convertel-as.

Faz dos planetas nobres, senhoriaes,
não macilentos cirios,
mas alvissimos, puros pedestaes
de florações de lyrios!

Forra os caminhos de malacacheta
o luar!
e vae por elles, qual anachoreta,
lentamente, a rezar...

Abre o seio da Lua immensa e eólia,
esplendorosamente,
como si fosse lúcida magnolia,
ou qual tulipa ardente!

Cuidoso, attento, com o maior carinho,
cobre as velhas estradas
com a brancura sem par do branco linho
das noites constelladas!

E faz do espaço — aranha peregrina —
o brilhante aranhol,
cuja rêde finissima, argentina,
desata o rouxinol.

E, dos jardins dos céos, tão bem cuidados,
pelo luar,
descem á Terra aromas estrellados
que se desfazem no ar...

Vêm silenciosamente, docemente,
pelas
résteas de luz, no jorro ardente
das timidas estrellas...

Jardineiro cuidadoso e desvelado,
o luar,
mal cée a Noite, lá, do céu lavrado,
manda pelo ar
á Terra, por quem vive enamorado,
em chuva singular,
alva e brilhante, como os alabastros,
todo o Sonho de amor que, regeitado,
aos céos voltou e refloriu nos astros!...

... E ESPINHOS ...

**Penna que ao vento vaes, penna isolada,
penna sem vida ... que te quer o vento ?**

ALBERTO DE OLIVEIRA.

**A Laurita Lacerda Ribeiro Dias
e
Zenith Gonzaga Vieira da Silva**

**irmãs amadas do meu Sonho e do meu coração,
toda a minha ternura abotoada em versos.**

.. E ESPINHOS

O mas... da vida não tarda,
e é funebre o seu cortejo:
a aguda ponta da darda
fantasia-se num beijo...

Já se foi o tempo doce
do sonho ao som das guitarras:
a flor em pranto evolou-se
e as plumas brotaram garras...

Como um suave refrigerio,
de tantas maguas contel-as,
eu fiz o meu cemiterio
na concha azul das estreilas.-

A MINHA MÃE

I

Minha Mãe, minha limpida alegria!
Com que orgulho ante os mais eu te proclamo
minha Santa entre toda a liturgia,
do Bem piedoso e perfumado ramo!

Para o amargor do pranto que derramo,
tens sido, Mãe, a mão que acaricia;
e nas ingratidões, em que me enramo,
do sol a doce e deslumbrante estria...

Bella entre as bellas, Mãe, tua nobreza
faz do meu Sonho a commovida presa
e os que te cercam, de fulgor fascina...

Pudesse eu te mostrar a todo o mundo
com esse orgulho sem par, grande e profundo,
de Mãe que mostra a filha pequenina....

II

Sempre occultei meus versos torturados
dos teus olhos de Mãe — perscrutadores!
Eram feitos e em lágrimas banhados
e amargavam com o fei de muitas dores.

Eu, que tinha no rir tantos fulgores
e tanta luz nos olhos deslumbrados,
como mostrar-te, Mãe, meus dissabores
e meus anseios tão mal compensados

Por isso eu t'os vedava... Mas agora
dói-t'os e sabe Deus como a alma chora
ao desvendar-te tudo quanto fiz;

pois lendo-os, perderás (e eu não queria
toldar uma só vez tua alegria)
— a illusão de que sempre fui feliz!...

REMEMBER

Si em versos pudesse a gente
dizer tudo quanto sente,
eu, nestas linhas, diria
de uma passada alegria;
de um sonho que me foi gloria
contaria a breve historia,
historia simples e suave
como o aconchego de uma ave;
diria do affecto louco
que durou, meu Deus, tão pouco;
affecto, cujo perfume
em meu sentir se resume

a resumir minha vida
máo grado meu — esquecida!
— sonho que vejo acabado
sem ter, talvez, começado...

Mas... nem sempre a penna ingrata
o fremir d'aíma retrata;
e o que diz, infelizmente,
é sombra do que se sente...

M B.

DUALISMO

Para Ruth Leite Ribeiro.

Duvido quasi sempre; ás vezes creio...
Nesse estado de crença vacillante,
dupla emoção se me derrama ao seio:
— Condor e a um tempo larva horripilante!

Si faço o bem, assalta-me o receio
de parecer aos outros arrogante;
temo querer o mal e, nesse meio,
nem do mal nem do bem sou praticante...

Si me chega um louvor, triste o recebo
pois que de envolto nelle acho e percebo
a censura que de outrem mereci...

E aceito, com orgulho estoico e frio,
os castigos com que penitencio
os peccados que nunca commetti...

M. B.

QUANDO A NOITE SE ESTRÉLLA...

Para Nadyr.

Quando a noite se estrélla, doce e calma,
estendendo da lua os véos de prata,
a minh'alma
das roxas flores da melancolia,
sob a influencia dessa noite fria,
as delicadas petalas desata.

E um perfume inebria-me os sentidos;
capitoso
adormenta-me a carne e me elastece
os nervos doloridos;
tenho a impressão
que a mão
de um Sonho mystico e envolvente,
suave, delicioso,
do pobre coração
a chaga que enlouquece,
anesthesia pacientemente
e as dores adormece...

E o opio bebendo do luar fluidico,
fantasticas visões a mente me povoam:
bizarras e sadias,
afastando da magua o tom fatidico,
voam,
chegam, revoam
as minhas Alegrias...

Conheço-as uma a uma:
o sorriso d'aquella me enternece;
desta
o olhar meigo e macio como a pluma
enche a minh'alma de um rumor de festa...
Brinco, sorrio, canto,
e, em cada canto,
nova sombra querida me apparece:
minha gloria, meu sonho, meu desejo,
juras, promessas... o dulçor de um beijo.
meu Amor...
e atraz deile
(passa-me sobre a peile
um arrepio...)
atraz deile
— desvarfo! —
vem a dor...

Quero fugir-lhe: o opio me entorpece
do luar;
quero gritar:
a voz paralysada
jaz na garganta anesthesiada...
Com o olhar afflicto, busco as alegrias:
risoñas, fugidias,
lá se vão a cantar...

E a Dor,
enquanto a noite fria me amortalha
na livida toalha
de nebulosas e de estrelas frouxas,
em nome do meu Amor,
a dor
espalha
sobre a minha mortalha
petalas tristes de saudades roxas,.....

INSOMNE

Não consigo dormir. A janela escancarou
e me quedo a scismar, olhos fitos na altura;
a noite é fria e linda e, solta, ao desamparo,
desce a neblina, em véos, em meio da negrura.

De manso, brinca o luar na rígida textura
das arvores. E' todo o céu de arminho raro;
e a lua a me fitar, purissima de alvura,
abre por sobre mim o olhar gelado e claro.

Nem a vejo, porém; a agonia me invade...
E, a sós, em horas taes, entrego-me á saudade
desse Sonho que busco e desse Amor ausente,

E me deixo levar, num pranto que consola,
a avivar e a sentir, enquanto a noite rola,
todo o bem que se foi e todo o mal presente...

M B

JARDIM D'ALMA

A Palmyra.

Orvalhei as minhas flores
com o brando rócio do luar.
Quanta flor! Quantos amores
que eu já nem sei cultivar...

Puz rubras papoílas da ansia
junto aos cravos dos desejos;
floriram — lindas estancias!
os mal-me-querer dos beijos....

Tantas ilusões serenas
plantei com todo o desvelo,
nos calices de açucenas,
co brilho do setestrello!

E as rosas dos meus sonhos,
violetas da minha dor?
— Tudo plantei aos olhares
da Lua, a mais branca flor...

Mas no jardim não ha ninhos!
— todas as flores fanadas:
aqui e alli só espinhos
e coroilas desbotadas...

Embalde o luar bafeja
os canteiros — sonhador!
toda a folha amareleja
do mal ao sopro traidor...

Somente brancos, esguios,
vicejam em profusão,
pobres calices sombrios!
— os lyrios do meu perdão

Foi um sonho, talvez; foi menos... foi desejo
que não teve, sequer, a extrema unção de um beijo;

devaneio de luz, mixto de amor e mágua,
que me poz raios nalma e encheu meus olhos d'agua.

Em tua alma, quiçá, foi loucura, delirio...
mas na minha o pungir do primeiro martyrio.

Já passou, bem o sei; de nada valem preces.
— Dize: que mal te fiz?... Fala: porque me esqueces?

B

VINHO DE HEBE

Enchi do amor a taça refulgente
e na mão tenho-a desse vinho cheia:
-- capitoso licor que abraza e ateia
os fortes corações de toda a gente. --

Tu, conviva do sonho que me enleia,
deves della beber gostosamente;
chego-t'a ao labio, tímida, tremente,
com o grato gesto de quem dá e anseia.

De um trago, o vinho sorves no entretanto;
e eu, que esperava partilhar do encanto
desse nectar sem par, que tresvaria,

fico muda ao teu lado, num queixume:
nem me deixaste, ao menos o perfume
do amor no fundo .. -- A taça está vazia!



+

EM PLENO DESALENTO

Ao Tito.

Estendo as mãos do meu desejo ansioso
e alcanço o céu de brumas...
Tomo-as, febril, no orgulho de vencel-as,
— como quem beira-mar guarda flócos de espumas —
e me farto de estreílas...

Ponho uma asa de seda ao meu gosto apurado
e, no prado,
nos montes, nos jardins ou nos valles floridos,
— cigarra ou borboleta —
da bonina sylvestre á humilima violeta,
nos seios trescalantes adormeço...
E sou póllen, sou nectar, sou zumbidos;
e tudo tenho quando nada peço...
Mas... em pouco, maciez de corollas e plumas
tem para mim o tédio, a languidez das brumas...

Do ouvido estendo antenas palpitantes
como uma longa teia que prendesse
o infinito
de lado a lado...
E as harmonias todas do Universo
— desde a musica em luz dos astros rutilantes
(como si o cosmos todo surpresdesse
na orchestração unisona de um grito)
té o murmurio doce, socegado,
do mar que canta
numa verde garganta —
-- tudo vem esplender nas rimas do meu verso!...

Abro do coração o portico sagrado
no direito feiiz da mocidade,
e espero o Sonho e aguardo o Amor, e alento o Anseio.
E eu que os astros prendi e me fartei de fiores,
que puz a inspiração
nas quebradas das cores,
fecho meu coração
vasio...
Como um rio
que estrellas espelhou e que é sombrio,
— o pranto rólo em ondas de ansiedade,
desilludida da felicidade...

BALLADA DO SONHO

A Cecy Pessoa.

Sonhei-me castellã. Dos meus dominios
de leguas em redor, eu era a prenda
dos sonhos, dos ridentes vaticinios,
a princeza gentil de uma legenda.
Versos de amor, em perfumada renda,
viuham a mim, como o maior thesoiro,
e eu preferia á limpida offerenda:
meu castello feudal, meu pagem loiro.

Cavalleiros audazes, appolneos
deixavam a meus pés doces commendas,
e invocavam, em ternos patrocínios,
meu nome, meu olhar, á morte horrenda.
E eu alheia, nos olhos tendo a venda
de um sonho azul, — um lindo sorvedeiro,
preferia á ardorosa referenda,
no castello feudal, meu pagem loiro.

Mas um dia (meus sonhos examine-os
quem ao ler estes versos se arrependa)
um dia, pondo o sol os seus flammineos
raios por sobre o eirado da fazenda,
um corpo viu tendo uma larga fenda
no peito; e o olhar parado — uns olhos de oiro!
E eu perdi a alegria de uma lenda
vendo a morte levar meu pagem loiro.

Desci a ponte eril. E esplendida vivenda
abandonei, deixando o meu thesoiro...
E busquei esquecer, da um claustro, á tenda,
meu castello feudal... meu pagem loiro...

B.

NATAL...

Risonho mez de dezembró!
mez do Natai... bem me lembro...
tantos castellos de amor!
rediviva a primavera
punha a attracção da Chimera
no seio oiente da flor...

E no meu peito a riqueza
de ter a doce certeza
de teus sonhos partiïhar,
aos meus olhos deslumbrados
ria, em caminhos doirados,
com um sol eterno a brilhar!

Quem me via sorridente,
no meio de tanta gente,
no orgulho de ser feliz,
seguindo-me a oïhar dizia:
— «Lá vae a propria alegria
num coração que a bemdiz».

E eu, sorrindo com bondade,
gastava a felicidade
com quem vivesse a chorar;
abria as mãos cheias de ouro
sem lembrar que o meu thesoiro
poderia se acabar.

E' que eu vivia confiante
no teu coração amante,
alheia a todo o mal...
Jamais pensei nos revezes;
Juilguei que todos os mezes
fossem meu mez de Natal...

Risonho mez de dezembro!
Já fui feliz... bém me lembro...
tive caricias de luz...
O meu presepe encantado
comparei -- num sonho ousado --
ao presepe de Jesus!...

Mez de dezembro risonho...
Onde estava meu sonho
de amor, meu doce fanal?
Calando no peito a inagua
pergunto, olhos rasos d'agua:
— «Como será meu Natal?...

ESTRELLAS... DESILLUSÕES...

Quando morre uma illusão
do grande Sonho da vida,
eu, com desesperação,
fico vencida, vencida,
quando morre uma illusão.
Olho o céu... e Deus então
porque sempre eu possa vel-a,
vive-a em luz reproduzida,
nos raios de alguma estrella.

E esse ardii da gran Bondade
não me deixa blasphemar...
Morre um sonho?... Uma saudade
o pode resuscitar:
— basta o ardii da gran Bondade!

Como me dóe a verdade
que dizem da Noite os véos:
— da minha felicidade
fiz todo o brilho dos céos...

SÓ

Cancei meus olhos de chorar; cancei
o gesto, a voz, na supplica fremente;
e ao gesto e á voz chamaram-me — imprudente
e de falsos os prantos que chorei.

Forar em vão os sonhos que affaguei,
— sonhos de amor, de gloria refulgente,
pois, sonhando, eu causava a toda a gente
a impressão de um alguém fóra da lei...

Hoje, não sinto a dor dos mais; não sinto
nem odio, nem amor: vivo do instinto,
inconsciente materia... fumo... pó...

Sou qual palmeira em meio do deserto,
sem fructos, sem dar sombra aos que vêm perto,
no orgulho e na tristeza de ser só...

A UM SINO

A Petronilha

Badala, sino; badala!
Enche os ares com teu canto;
meus olhos encho de pranto
ao ouvir-te a estranha fala.

Que quadros á minha mente
sino, trazes badalando!
— Uma igreja... muita gente...
lá dentro imagens brilhando...

Depois... o caminho umbroso;
de jasmims sébes trançadas;
depois... um grupo formoso;
— dois jovens... mãos enlaçadas...

E o coração se me puísa
nessa lembrança radiante:
— Quando em minha mão convuísua
prenderei uma outra, amante?

Badala, sino; badala!
Enche os ares com teu canto;
meus olhos encho de pranto
ao ouvir-te a estranha fala.

A pequenada, na areia,
brinca, a rir, sem vãos temores;
e o céu que o occaso incendeia,
beija o mar todo em rubores.

A tarde cãe; paira em tudo
um que de amor e mysterio;
só não vibra o que está mudo
no frio do cemiterio

E eu sinto crescer-me alma
uma saudade infinita
do tempo em que fui bemdicta,
em que do rir tive a paíma;

que do sonho a asa radiosa
no meu leito se estendia;
e eu rezava a Ave-Maria,
e eu sonhava e era ditosa...

E a noite vem; no céu lindo
fachos de luz se incendeiam;
no mar as aguas pranteiam
e quédã tudo dormindo...

Só minh'alma véla e chora
com tua voz, com teu canto;
sino, que pianges quebranto,
como entristeces esta hora?

Badala! Teu som plangente
enche os ares, enche tudo;
só não basta a este, que iludo,
coração impenitente!

Porque ao misero não ha-de
chegar tambem um sorriso?
Porque, por viver, preciso
ungir-me desta saudade?

Badala, sino; badala!
enche os ares com teu canto
meus oíhos encho de pranto
ao ouvir-te a estranha fala...

A MÃO E O PÉ

Da mão que acolhe ao pé que repudia
vive toda a emoção de um sentimento;
uma conduz á boca o sacramento;
outro — exprime um signal de covardia.

Uma as palmas ás glórias associa
no elogio gentil do pensamento;
outro, batendo ao chão, conhecimento
trava com o mal, embuste e zombaria...

A mão erguida ao céu attráe a benção,
e nas macias pálmãs se condensam
da carícia os enlevo's de ventura...

Quanto bem, quanta esmola, a mão espalha
mesmo ageitando as dobras da mortalha...
E o pé?... — Esse nos mede a sepultura!

Vae-te, risonha esperança!
Vae-te: meu sonho morreu...
Não mais promettas bonança
a quem em maguas viveu....
Vae-te, risonha esperança,
para o céo...

Deixa que eu fique chorando
a culpa de tanto amar;
e em anseios, perguntando:
— Até quando hei de pensar?
Deixa que eu fique chorando
sem cessar...

Mas tudo no mundo finda
e muda tanto de sorte!
Restos de uma angustia infinda
dizimarei, sendo forte;
pois tudo no mundo finda
a morte...

Que venha, pois de novo a primavera
e, após eila, o verão...
Qu'importam estações, si não espera
mais nada o coração?...

PALAVRAS DE UM DESILLUDIDO

Não creias em ninguém; não creias... mais que nunca
afia a desconfiança;
a humanidade é má, de garra forte e adunca
e em ferir não se cança...

Si alguém te jura affecto intenso, não n'ó creias
seja esse alguém quem fôr...
foge dessa illusão, escapa-te das teias
fementidas do amor...

Não esperes, jamais. A esperança é mentira
que consoia e que mata;
é como em alto mar, do santelmo a atra pira,
que os abysmos retrata.

Nunca vejas na flor sinão o seu perfume
e a fragrancia louçã;
nem abrigues no peito a saudade e o ciume...
toda a ansiedade é vã.

O ouvido fecha, frio, ao soffrimento alheio,
cerra os olhos á magua.

Tambem cri e esperei; hõjẽ triste descreio
com os oihos rasos dagua...

Tambem me condoí da torturas das gentes
e com ellas soffri...

Sabes qual foi meu mal? Criei muitas serpentes
cujo virus senti.

Amei... e o meu amor, do berço aicandorado
que fiz dos versos loucos
deixou-me sem me ouvir o grito allucinado
dos meus gemidos roucos

Puz uma asa no Sonho e librei-o no espaço...
o meu sonho fugiu...
e o desejo algemei-o em catenarias de aço
e elle os élos partiu.

Não odeies, porém... si em grita a turba avança
afasta-lhe os caminhos...
e odio é como o amor: enerva, estiola e cança
e só nos deixa espinhos...

Traça commigo alfim a tua trajectoria:
sobre a existencia infensa,
amor, saudade, anseio, arroubo e sonho e gloria
estende a tua fria indiferença.

BALLADA DA DUVIDA

«Nunca indagaste dos meus sentimentos,
si sou capaz de affecto ou de ternura;
emtanto, és para mim, nos meus momentos,
uma exquisita, esphingea creatura.
Minh'alma a desvendar-te se aventura
e gasta a maior parte desta vida
olha-me o peito, esquece-me a figura:
dize-me ao menos si te sou querida».

Mas o poeta concentra os pensamentos
e foge inda uma vez á conjectura,
em vão ella lhe fala nos tormentos
da duvida que a sorte lhe assegura;
em vão ella lhe mostra essa candura
que é o apanagio da affeição nascida;
elle se fecha em frigida armadura
e ao menos não lhe diz si ella é querida.

É a pobre, tendo aos olhos os lamentos
do pranto a descobrir-lhe a desventura,
movendo os lábios húmidos, sangrentos,
em phrases repassadas de doçura,
fala-lhe em vida, em morte prematura...
E, ao sentir-se morrer, enfebreçada
esta phrase final inda murmúra:
— «Dize-me ao menos si te sou querida!»

E elle não disse. E a sombra da ventura
jamais cobriu aquella triste vida...

Ouve a minh'alma; espanca esta negrura:
— Dize-me ao menos si te sou querida...

A ESPERA

Julgo que vens me ver, e corro á espera á porta.
Attento o ouvido a escuta os teus passos na areia;
palpita o coração e a alma toda se ateia
sentindo o teu chegar e me sentindo morta.

Um perfume subii os ares, doce, corta,
o céu branco e azulado, além se delineia,
mas ante esse prazer que minh'alma incendeia,
a frescura do céu, o perfume... qu'importa...

E eu penso em ti sómente; e a esperança de ver-te
faz-me rir e chorar; mas entre o riso e pranto
a duvida cruel todo o veneno verte.

E em mudo desespero oïho a estrada deserta...
E ao sentir que não vens, que te demoras tanto,
Amaldiçôo a dor que esta saudade aperta...

VESTIGIOS

Para Gaby Coelho Netto.

Tenho a impressão de que ave fui um dia...
Ha em mim, interiormente,
uma atracção sem par á plumagem macia.
Si, de repente,
os sentidos desperto,
si toda me arrebató,
o multiplo sentir num só sentir concerto:
— o tacto.

A mais completa idéa do infinito
eu tenho dentro em mim.
Talvez reminiscencia
desse tempo bemdicto,
em que, pe'lo ar sem fim,
circumvaguei minha existencia.
Ninguem, como eu, os ares sorve, aos goles...
Brisa, que trazes sons, que as folhas boles,
como sei te entender!

A mea ver,
cada um traz estampado,
embara disfarçado,
o que noutra existencia palpitou.
Uns — de perfumes — foram talvez flores!
Outros — guardam nos olhos incendi'los,
de estrellas mortas — raios escondidos,
fulgentes cores
da luz que se apagou.

Para mim, esse anheio que não domo
de subir, de voar,
esse anseio de luz de que me assomo
para ascender... brilhar...
falam-me da ave louca, que incarnei,
de pennas brancas, finas,
pois tenho nas retinas
a vertigem do espaço em que vaguei...

E é bem razão porque toda me abrando
quando uma
pluma
de leve, ao menos, vem tocar-me a face;
lembro-me quando,
talvez, ave líberta, o ninho concertando,
minhas trovas de amor,
ou de dor,
aos ventos calmos, meiga desdobrasse...

E sinto em mim um desejo grandioso
de voar outra vez.
Sonho o azul que me tenta, infinito, glorioso,
em toda a nitidez...
E o olhar alongo, afflictiva, ardente, louca,
sentindo vir-me á bocca,
do coração,
phrases de maldição
á minha viuvez.

Embalde estendo os braços supplicantes!

Embalde

o espaço se engrinalde

de nuvens cor do sol, de mil cambiantes,

batem-me as azas num desejo insano

de subir... de ascender...

Os meus braços convulsos,

nesse esforço sobrehumano,

acabam por pender...

Ail como é triste desejar-se o espaço,

ter surtos d'alma... mas no corpo lasso

ferreas algemas e grilhões nos pulsos...

Não te orgulhes do quanto aos outros vales
nem escarneças de quem triste jaz:
Deus a vida semeou de bens e males
e nem sempre a desgraça fica atrás.

Si o ideal conseguiste, não te embales,
porque te nascerão novos ideaes --
O anseio é como o rio em longos valles:
uma paisagem só não satisfaz...

Toda a vida se prende e se parece;
se de uns o Sonho é treva, magua e prece,
e de outros larga estrada toda em luz,

nós, quer chorando ou quer sorrindo, vamos
ao mesmo fim que nunca hostilizamos:
— a triste sombra de uma triste Cruz!.....

CREPUSCULO

A Nhanhã.

Desce a noite. Bem distante
docemente um sino canta
e toda a selva quebranta
com seu triste badalar;
o coração estremece
no peito triste e sombrio
a murmurar uma prece
um psalmo de fé, vasio,
Que pezar!

Que nostalgia sem nome!
Que doce melancolia
Acorda, ao cahir do dia
Um sino a gemer saudade!
Coração, esquece a magua
que te faz tanto chorar,
quem, com os olhos rasos dagua
ha-de essa dor olvidar?
Quem ha-de?

E a noite lugubre desce...
E a nevoa como um sudario
a envolver um relicario
pór toda a terra se estende
O esquecimento não tarda,
coração, te dar alento;
da tortura fôge á carda,
foge á dor, e esse tormento
suspende!

E o sino a chorar no monte
e o coração geme ao peito
já de amores satisfeito
e, mal de mim, tão vasio!
Fecham-se as flores tristonhas
e o orvalho vem a cahir.
Alma, já que tu não sonhas
deixa de tanto carpir...
Que frio!

E a noite desceu enfim...
As estrelas reluzentes
tremulas briham, dormentes
na sua ditosa sorte.
Coração, deixa esse pranto
deixa essa magua sem nome
Alguem ha que com seu manto,
da vida os maies consome:
— A morte!

BONÉCA

A Henriqueta Lisboa.

Tremo ao pensar que sou em tuas mãos bonitas
um brinco sem valor, que ao lado ha de ser posto;
— boneca (nada mais!) de rendas e de fitas
que se deixa ao chegar do primeiro desgosto.

E um vislumbre de dor se me estampa no rosto,
quando scismo no amor que alardeias e gritas
de zelos, de cuidado e de anseios composto,
todo feito de febre e emoções infinitas...

Si outro Sonho maior te acenar ás distancias,
e esse enlevo de amor, que te adormenta as ansias,
á tua alma dê luz encantos não tiver,

dá-me a morte de vez... e eu morrerei ditosa,
illudida e feliz — pobre boneca airoza —
que á vaidade se deu de ser uma mulher....

B

ERA UMA VEZ...

Ao Catito.

Põe a linda cabeça em meu regaço
e me pede uma historia;
docemente
em seus cabelos os meus dedos passo
e me ponho a contar
essa historia
que foi e que é todo o sonhar da gente:
anjos cortando o espaço,
visões de sonho, de riqueza e gloria,
os céos, os montes... lá distante o mar...

E na minha palavra ora animada,
ora sombria,
dou traços leves de uma loira fada
que, á Ave-Maria,
ao som sentido de pausados dobres,
tornava em seda e em oiro
e enchia de sorrisos e thesoiro
os andrajos e as mãos das criancinhas pobres...

E a pequeniã, olhar iluminado,
seguia o fio
simples, despreocupado,
ameno e correnteio
de minha voz cantante.
E eu narrava-lhe a historia de um gigante,
tão grande quanto suave,
que em vez de devorar os pequeninos,
embalava-os ao seio, como uma ave,
ao som de bandolins e de violinos...

E ella attenta escutava...
E eu falava...

Falava...

De repente,
soluços
chamam-me á vida repentinamente:
Olho o anjinho: de bruços
no meu collo, soluça amarguradamente...
Ergo-a; beijo-lhe os olhos doloridos,
na boca beijo os timidos gemidos...

Sem razão,
sem querer,
eu vinha de dizer
a historia triste do meu coração...

PENUMBRA

Ao Arthur.

Occaso... meia tinta... côr violeta...
Tremula a luz vacilla, empallidece...
Escoam-se os instantes na ampulheta
de sonho que foi todo um grande bem.
Ha em tudo o sussurro de uma prece...
Rezo tambem...

Occaso... o sol se põe. A alma tristonha
numa nevoa de duvida se envolve:
Não mais ri... não mais goza... não mais sonha..
si muita vez se volve
atraz, é o suspirar que exhala,
que ouve em gemido a entrecortada fala
de uma funda saudade!

Occaso... olhar em pranto... olhar perdido
no além que nada diz, nada consola...
A lagrima é a piedosa, unica esmola
para quem sente o coração partido.
— Choro portanto....
Na agonia da luz vae a dor do meu pranto
e, na sombra que desce e que se estendê,
busco a face occultar...
O meu sonho morreu...
Nada me prende
á terra, á vida...
Pobre estrella banida
das riquezas do céo
nas trevas me enclausuro e me acoberto...

Occaso... frio e dor...
Já tão longe do amor,
Da descrença tão perto!
Para sorrir inda uma vez, para esquecer
que me resta buscar?
— Morrer!....

RESIGNAÇÃO

Acceito a minha dor mais resignada
depois que tive uma revelação:
— a vida sem soffrer não vale nada:
haja o peccado para haver perdão. —

Ninguem bem diz a esmoia que lhe é dada,
nem beija agradecido o duro pão,
senão, quando da vida amargurada,
conhece o desespero e a solidão.

Por isso, vou subindo o meu calvario,
fazendo do meu pranto o meu rosario
e de todos os sonhos minha cruz...

E, arrastando-a da vida nos caminhos,
bemdirei as jornadas e os espinhos,
seguindo o exemplo que me deu J3sus!

COLOMBINA

Ao coração da Isa.

Colombina, Colombina,
pobre sombra, pequenina,
limpa os olhos, vem folgar!
Quem te mandou que sonhasses?
Olha: põe carmin nas faces,
pinta os lábios... vem dansar!...

Vem sorrir... A vida é curta,
Colombina, flor de murta,
flor de sonhos em botão...
Porque a mão levas ao seio?
Cala, louca, todo o anseio
que trazes no coração.

INDICE

| | <i>Pag.</i> |
|---|-------------|
| Plumas e Espinhos. | 13 |
| Dedicatoria. | 15 |
| Plumas. | 17 |
| Luz. | 19 |
| Versos. | 21 |
| Mancenilha. | 23 |
| Gosto á noite de olhar sempre as estrellas... | 26 |
| Ao somno. | 27 |

| | <i>Pag.</i> |
|--|-------------|
| Esphinge. | 29 |
| Para o teu Amor. | 31 |
| Ballada do Som. | 33 |
| Em febre. | 35 |
| Rubra. | 37 |
| Céo. | 39 |
| Teia. | 41 |
| Para a conquista. | 43 |
| Faze de tuas mão o ninho perfumado.... | 45 |
| Quiz descrever a magua... | 47 |
| Canto... | 49 |
| Fantasia de uma noite branca. | 51 |
| Quando eu poderei parar? | 53 |
| Não importa que estejas apartado. | 55 |
| Não sei si te agradeça o bem... | 57 |
| Calmaría. | 59 |
| Aos que soffrem. | 61 |

| | <i>Pag.</i> |
|-------------------------------|-------------|
| Fantasia de luar. | 63 |
| ...E Espinhos. | 71 |
| A minha Mãe I. | 73 |
| II. | 75 |
| Remember. | 77 |
| Dualismo. | 79 |
| Quando a noite se estrella... | 81 |
| Insomne. | 85 |
| Jardim d'alma. | 87 |
| Foi um sonho, talvez... | 89 |
| Vinho de Hebe. | 91 |
| Em pleno desalento. | 93 |
| Ballada do Sonho. | 95 |
| Natal. | 97 |
| Estrellas... desillusões... | 99 |
| Só. | 101 |
| A um sino... | 103 |

| | <i>Pag.</i> |
|------------------------------|-------------|
| A mão e o pé. | 107 |
| Vae-te, risonha esperança... | 109 |
| Palavras de um desilludido. | 111 |
| Ballada da Dúvida. | 113 |
| A espera. | 115 |
| Vestigios... | 117 |
| Não te orgulhes... | 121 |
| Crepusculo | 123 |
| Boneca. | 125 |
| Era uma vez... | 127 |
| Penumbra. | 129 |
| Resignação. | 131 |
| Colombina. | 133 |





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).